Os problemas de frequência na educação de adultos

Alvaro Valle[1]

É este um dos mais sérios problemas que afligem os responsáveis pela educação de adultos.

Várias são as causas apontadas. Inúmeras são as soluções sugeridas. Mas a evasão persiste.

Neste meu estudo; fruto da observação de vinte anos de trabalho em prol da educação de adultos, procurei abordar a questão sob pontos de vista puramente objetivos. Para tanto me vali, inclusive, da colaboração de diversos professores, conforme depoimentos colhidos por escrito e ora anexados.

Como poderemos verificar há unanimidade quanto aos principais tópicos.

Estudando, detidamente a situação atual vamos concluir que as principais causas de evasão podem ser divididas em externas e internas. Estas tão ou mais graves que aquelas.

Sou dos que considera as causas internas como as que melhor devem ser observadas.

Assim, classificarei como internas aquelas que dizem respeito à escola e ao professor e externas aquelas que estão mais afetas propriamente aos alunos.

Digo que há maior gravidade nas causas internas por uma razão muito simples. A educação, a orientação, enfim o exemplo de vê partir de cima. Consequentemente, sem uma boa organização, sem uma boa administração nada poderemos conseguir.

E justamente, com o desajustamento escolar, falta de programas adequados e muitas vezes, a inadaptação dos professores para tão sagrado mister, o resultado só pode ser negativo. E daí a evasão impera.

Não é possível, de forma alguma, querer prender alunos às escolas sem que estas concedam-lhes condições básicas de conforto e estímulo. O que temos observado por toda rede escolar, não só no Distrito Federal como nos demais Estados e Territórios da União, é apenas ó esforço isolado de autoridades e particulares. Boa vontade, não resta dúvida. Ideal, concordamos. Mas falta sobretudo a unidade, princípio básico que deve predominar em qualquer atividade de caráter coletivo. Oxalá possa esse Congresso contribuir de maneira decisiva para que a perfeita coordenação de pontos de vista resulte em algo mais objetivo e menos teórico. Aliás, o grande male de nosso país, infelizmente, tem sido esse: muita teoria e pouca prática.

É necessário, antes de tudo, que o trabalho conjugado do Poder Público e da iniciativa privada forneçam aos alunos, àqueles que procuram o saber, as condições mínimas indispensáveis para um bom aproveitamento.

De um modo geral o ensino de adultos processa-se nas escolas noturnas. Os que as buscam são notadamente aqueles que, na infância ou na adolescência não tiveram tempo ou oportunidade de estudar.

---

[1] Depto. Educação de Adultos.

Ora, se o adulto procura a escola e não encontra nela as condições ideais é claro que o desapontamento só poderá provocar transtornos e aumentar os desajustamentos, que hoje dominam a espécie humana.

E nisso está a deficiência que apontamos.

Se as escolas não dispõem de instalações adequadas, iluminação suficiente, cantinas que possibilitem refeições ligeiras, bibliotecas, centros de diversões, assistência médica e social, não podem, de forma alguma oferecer condições que atraiam alunos.

Fator também de vital importância é o programa escolar.

Não nos parecem devidamente adaptados os programas escolares para adultos.

E disso também resulta grande evasão na frequência.

Nos diversos depoimentos colhidos e na larga experiência que o ensino de adultos nos oferece, chegamos à conclusão de que a evasão é menor nas séries do Preliminar e no Complementar. E tal se explica facilmente. Em ambas o objetivo é incontestável. É aquele sentido prático a que nos referimos.

Nos cursos preliminares há o interesse do adulto em ser alfabetizado, om conhecer as primeiras letras, a saber escrever o próprio nome, enfim, a aprender a ler.

Para muitos, concluída essa primeira fase, já se dão por satisfeitos. Já é o bastante. É uma porta aberta, que lhes possibilita algo mais na luta pela vida. E daí abandonam os estudos. Consideram ter atingido seu objetivo. E, se fora tal, não há dúvidas. Alcançaram-no.

Nos cursos complementares também é nítido o objetivo. Pretendem eles prosseguir nos estudos. Tem uma meta. Têm um ideal. Visam algo mais que a simples conclusão do curso primário. E daí vai o interesse, a assiduidade às aulas.

Está, pois, comprovado que é indispensável a motivação para que se possa conseguir evitar a fuga dos alunos.

Os exemplos acima apontados parecem plenamente convincentes e dispensam maiores comentários.

Ilustrando esta apreciação, possuo dados concretos, a saber:

Em 1956, em um dos C.P.S. mantidos pela Prefeitura do Distrito Federal, colhemos o seguinte:

Curso Preliminar - Matrícula inicial: 36 alunos
prestaram provas finais: 31 alunos
1º ano Básico - Matrícula inicial: 32 alunos
prestaram provas: 23 alunos
2º ano básico - Matrícula inicial: 28 alunos
prestaram provas: 17 alunos
3º ano básico - Matrícula inicial: 26 alunos
prestaram provas:17 alunos
Curso complementar - Matrícula inicial: 23 alunos
prestaram provas: 21 alunos

Aí estão os números, atestando de maneira decisiva a apreciação quo fizemos.

Se fizermos um exame pormenorizado da questão chegaremos a esta mesma conclusão. **Falta completa de adaptação dos programas às reais necessidades dos alunos,** o que em síntese nada mais ó do que a falta de entrosamento da escola, digo, entro a escola e o estudante.

E contribuindo para agravar tal situação de desajustamento vamos encontrar o inteiro divórcio entre as autoridades responsáveis polo problema e aqueles de boa vontade, conhecedores do assunto e capazes do minorar as deficiências. Falta-lhes tudo. A começar pelo apoio indispensável. Que dirá então dos meios?

Depois de analisarmos rapidamente um aspecto do caso no que diz respeito à escola, temos um outro lado a focalizar - o professor.

Jamais poderemos conseguir resultados satisfatórios sem a solução mór.

A situação, de certo modo, é calamitosa.

Às vezes não há sequer seleção no magistério. Fruto mesmo da deficiência numérica de professores. Outras vezes é a falta completa de especialização para o ensino de adultos.

E aí tocamos num ponto vulnerável. Só quem conhece o ensino de adultos, só quem milita a no magistério noturno pode aquilatar o alcance do problema.

Atravessamos hoje uma fase em que a especialização é um fato.

Em todos os setores se formam especialistas. E não seria o magistério que poderia fugir à regra geral.

Mas, senhores, a deficiência existe. E não será de uma hora para outra que poderá ser sanada.

Entretanto, é mister que seja o caso abordado com seriedade, pois, do contrário, ruirão todas as nossas esperanças.

Para começar, verificamos que a maioria das vezes, o salário não é capaz do seduzir aos próprios abnegados.

E aí já tomos um grande obstáculo. Origem de uma série interminável de outros e complexos fatores.

Ainda nisso vamos apontar a responsabilidade da Autoridade, incapaz de proporcionar aquele mínimo indispensável a mestres e alunos. E, desta forma, não estendo o professor apto ao perfeito desempenho de sua atividade, os resultados só podem ser funestos.

Conclusão: Tudo conspira contra o aluno. Escola e professor、

Sem um preparo adequado do professor nada se pode exigir ou esperar do aluno adulto.

Se o professor não está preparado psicologicamente para orientar o adulto que busca a escola, passará a representar para ele não a tábua de salvação que procura, mas o túmulo, quiçá, de todas as sues aspirações.

É necessário que o adulto encontre no seu professor, não apenas o mestre, o didata, o pedagogo, mas sobretudo o seu amigo e conselheiro. Sim, sobretudo seu orientador, seu colaborador. O adulto não é a criança sem problemas. Não é o menor sem responsabilidades. Quantos e quantas, na ânsia do saber, na ânsia de progredirem, sacrificam suas horas de lazer, seus problemas pessoais, o conchego da família na esperança de, enriquecendo seus conhecimentos, poderem desfrutar de uma vida melhor e mais tranquila.

E não é outro o objetivo do adulto que procura a escola. Nada mais é do que o desejo de progredir, o anseio de prosperar e vencer na vida.

Pare isso lutam. Para isso se sacrificam. E isso esperam da escola. Isso querem dos seus professores.

Em inquérito realizado, há cerca de dois anos, 90% dos professores auscultados tiveram ocasião de se manifestar sobre sua influência em questões pessoais dos seus alunos.

E esse, entre outros, é um dos ângulos em que se faz notar como mais necessária a preparação do professor.

Se as aulas são ministradas com o propósito único e exclusivo de cumprir um programa; se a preocupação máxima é dar cada vez mais matéria, não será possível obter o interesse do adulto. Dentre pouco estará saturado.

É preciso quebrar a monotonia dos textos e compêndios. É preciso movimentação. A motivação das aulas é fator preponderante de atração.

Se o adulto, depois de um dia inteiro de trabalho, com a cabeça cheia de preocupações chega a escola. e só recebe lições e mais lições, é evidente que terá de ficar enfadado. Mal alimentado e sem preparo psicológico, perturbado peia irritação e nervosismo que domina a geração atual, se não encontra ambiente propício tem que se evadir.

E o resultado é o que se vê. No início do ano escolas cheias. Depois, aos poucos, a evasão faz-se sentir em ritmo crescente e assustador. Não encontra o adulto aquele ambiente propício. O cansaço aumenta. As decepções se sucedem. As dificuldades se multiplicam. E a desistência progride.

Esta é a realidade. É o quadro verdadeiro com que nos deparamos.

Ao lado da falta de preparo do professor, devo abordar também a displicência com que alguns se conduzem. Ignoram os mais comezinhos princípios do sacerdócio que representa tal carreira. Mais daninhos talvez que o próprio analfabetismo. Diz o adágio: "Pior cego é aquele que não quer ver".

São verdadeiros parasitas. Assassinos de muitas aspirações.

E há também aqueles que dão os maus exemplos faltas repetidas e atrasos constantes.

Turmas numerosas em pouco tempo se reduzem graças à inconstância dos seus mestres. A irregularidade do seu comparecimento se reflete imediatamente nos alunos. Sem assistência permanente e sem o estímulo constante, em pouco tempo vêm seu entusiasmo arrefecido e debandem. É o desânimo quo deles se apodera. E então, mais difícil se torna a recuperação.

Estas, pois, são em linhas gerais as causas internas que provocam a evasão da frequência.

Quanto às externas, dizem respeito ao aluno propriamente dito.

Aí o assunto ainda é mais complexo, dada a diversidade de fatores que para tal concorrem.

Inúmeros se entrosam com os problemas internos já apontados. Outros decorrem, exclusivamente, de problemas pessoais que afligem o aluno adulto.

Entre esses, reputo dos mais vulgares aqueles que se relacionam com as atividades profissionais ou funcionais exercidas por tais estudantes.

Os horários de trabalho, férias, regime de remuneração, prorrogações de serviço e até as rescisões de contratos exercem influência na frequência escolar.

A deficiência de condução, a localização das escolas e razão do domicílio ou trabalho do aluno, e sobretudo, a falta de alimentação ou sua insuficiência concorrem sobremodo para a evasão.

Finalmente os desajustamentos familiares, os problemas íntimos e a completa falta de assistência social são dos maiores responsáveis pelo comparecimento irregular dos adultos às respectivas escolas.

Tudo, porém, como se teve ocasião de observar, é relativo.

Não se tratam de problemas tipicamente de ordem geral, mas de caráter específico. E somente uma análise de cada caso poderia proporcionar um estudo mais acurado.

Contudo, são questões generalizadas e que devem ser abordadas, de vez que, direta ou indiretamente, concorrem para agravar a situação do ensino de adultos.

E, sendo esse um Congresso de Educação de Adultos, melhor ocasião não poderia haver para uma completa investigação da matéria.

Como já tive ocasião de acentuar, esta exposição é baseada na experiência de anos ininterruptos de atividades nos Cursos Noturnos da Prefeitura do Distrito Federal. Os depoimentos colhidos e os dados expostos referem-se apenas à educação de adultos na Capital da República. Quero crer, contudo, que o fenômeno não seja apenas regional.

Não esteja circunscrito à Capital Federal. Mas sim seja um problema nacional, cujas soluções deverão variar de região para região.

Porém, desde que a incidência de alunos dos Cursos noturnos mantidos pela Municipalidade carioca é notória, e, tomando por base, tais estudos, concluindo, devo apontar como capazes de atenuar as dificuldades com que nos debatamos as seguintes providências: quanto às escolas - adaptá-las conveniente para o ensino de adultos, dotando-as de nobiliário adequado, iluminação perfeita, bibliotecas, centros de recreação e intercâmbio e assistência médico-social. Precisamos fazer com que a escola de adultos represente para eles como que uma complementação natural de suas atividades cotidianas. Nunca os subordinar a una rigidez, a una obrigatoriedade que só poderá causar-lhes males e aversão. Quanto mais práticos, quanto mais objetivos forem os programas, melhores serão os resultados.

Em relação aos professores é indispensável uma preparação especial para aqueles que se acham inadaptados para o ensino de adultos.

É indispensável que se lhes forneça os meios materiais para o desempenho de sua missão.

Urge una especialização adequada do professor, a fim de que ele seja capaz de um trabalho eficiente de catequese do adulto, trabalho esse que não se restringe apenas ao tempo de aula, mas que se prolonga de acordo com as necessidades dos alunos.

E se o professor não tem orientação suficiente, impossível será a coordenação dos elementos primários para incutir nos alunos a noção de deveres e princípios que devem nortear toda e qualquer atividade.

Urge sobremodo a necessidade de estabelecer indistintamente a todos os mestres uma remuneração condigna, à altura das responsabilidades de que está investido.

Finalmente no que diz respeito aos alunos adultos é preciso que a Autoridade, em entendimento com o comércio e indústria, facilite ao adulto que procura a escola. Que faculte horários que lhes possibilitem o estudo, sem prejuízo dos interesses dos seus empregadores.

Um entrosamento entre as autoridades públicas e as entidades privadas quanto no assunto somente poderia trazer bons resultados. Teríamos o aprimoramento dos

conhecimentos individuais em benefício da coletividade. A elevação do nível cultural dos empregados será sempre une garantia para os empregadores.

E para tanto bastaria que a fiscalização trabalhista se fizesse sentir junto às empresas privadas. Não seria exigida apenas a prova de matrícula para obtenção de Carteiras Profissionais. Haveria também o controle da frequência.

É necessário, pois, que nós educadores procuremos ir de encontro aos alunos e nunca pretendermos que eles cheguem a nós.

É preciso que a Administração se inteire das reais necessidades das escolas, que se aprofundem no estudo dos problemas com que nos debatemos, que ditem normas condizentes com os interesses e com a realidade do ensino.

Aproveitemos a boa vontade e o desejo de acertar que têm milhares de idealistas, verdadeiros heróis anônimos, batalhadores e defensores da educação de adultos no país. Iniciemos um estudo profundo dos males que afligem o nosso ensino. Dirijamo-lo de forma a proporcionar ao aluno aquilo que realmente ele necessita, que elo busca na escola.

Enfim, façamos a escola para o aluno, buscando não resultados numéricos excelentes mas que em relação à utilidade para o aluno cidadão são verdadeiramente inócuos.

Aí, sim. Teremos realizado um ensino sem fantasias e a satisfação da missão cumprida.